APLAUSO

guia de teatro

ANO III Nº 18

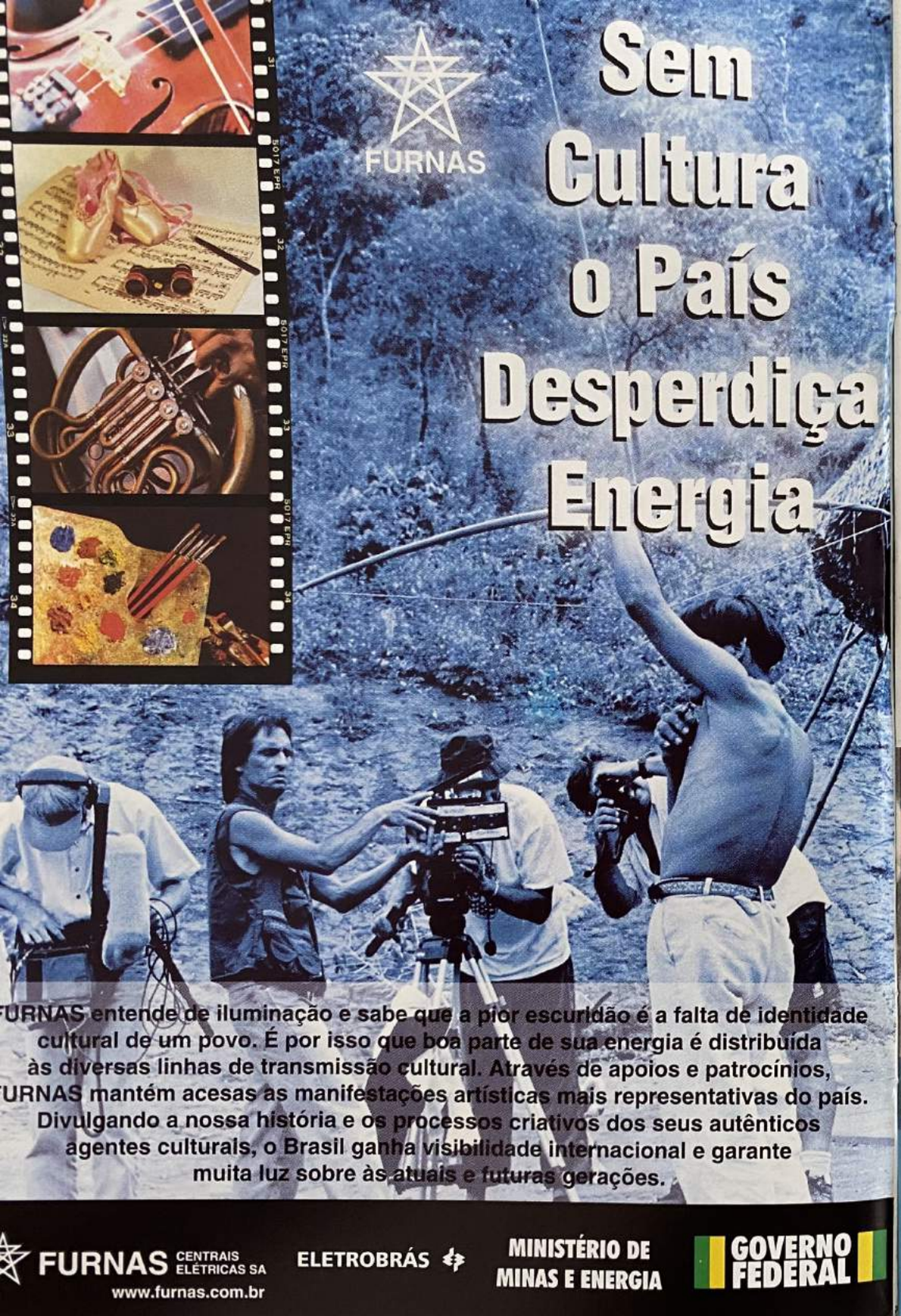
EXEMPLAR GRATUITO

Bruno Garcia e
Virginia Cavendish

Lisbela e o Prisioneiro

Humor, sedução e confusão

● Jornal do Teatro ● Peças em Cartaz ● Bibi Ferreira ● Carlos Thiré ● Cecil Thiré
● Christiane Torloni ● João Falcão ● José Possi Neto ● Stela Freitas



BASTIDORES

O Artista e o Atleta

"No próximo ano, em 2001, estarei completando 60 anos de carreira. E posso dizer que os momentos que mais gosto na vida são aqueles em que estou no palco. São, sem dúvida, os instantes em que me encontro com Deus. É quando acontece uma comunhão muito bonita com a platéia, é quando me sinto bem. Mas cantar ou interpretar representa também uma enorme maratona. Não existe permissão para falhar. É como se o artista fosse um atleta. Todo o seu corpo precisa funcionar perfeitamente bem, dos pés a cabeça, por dentro e por fora. Um atleta não pode ter dor de cabeça, nem unha encravada. O artista também não.

Quando me perguntam se é mais difícil o trabalho do ator ou do cantor, vou dizer que os dois, quando bem feitos, são difíceis de realizar. Agora, o canto é mais arriscado. A cada nota, o cantor encontra-se sobre o arame, balançando de forma perigosa. Há o risco de desafinar, de esquecer a letra, de parar. Os riscos sempre surgem nas notas principais, nos agudos, nos momentos mais importantes. O trabalho do cantor é muito mais comprometedor do que o do ator. Já para o ator, saber dosar a emoção é o lado perigoso. Quando se emociona demasiadamente, corre o risco de encobrir a sua técnica. No palco, porém, é a técnica que deve predominar sempre sobre as nossas emoções.

Qual o grande segredo para alguém conseguir completar 60 anos de carreira? Respondo: No meu caso, o único segredo é a necessidade de sobrevivência. Sou uma artista que não pode parar de trabalhar. Vivo de minha carreira. Sobrevivo dos palcos. Eu vivo do teatro."

Bibi Ferreira, julho de 2000

JORNAL DO TEATRO

Gargalhadas

Está localizado no segundo andar da Churrascaria Plataforma, no Leblon, o mais novo espaço cultural carioca, especialmente dedicado ao riso. Dirigido por Carlos Eduardo Novaes, o Café-Teatro Casa do Riso apresenta uma novidade a cada dia. Na programação, só comédias. Musical de Alexandre Innecco (segundas e terças), *A Primeira a Gente Nunca Esquece* (quartas), *Risotto* (quintas), show de Rogéria *e Subversões Mix* (sextas e sábados) e *Plantão de Notícias* e *Um Gordo nas Raias do Tom* (domingos). A semana inteira contra o mau humor!

Descobrindo valores

Jorge Caetano criou e organizou um banco de textos inéditos que está funcionando no Espaço Cultural Corrêa Lima, Rua Bento Lisboa, 64, Catete. Toda terça-feira, ele organiza leituras de textos com atores profissionais. A intenção é discutir a crise de dramaturgia e descobrir novos valores. Entrada franca.

Formação de público

A panfletagem boca a boca do pessoal do Liceu de Artes e Ofícios está dando resultados. Os alunos de Mônica Alvarenga, Flávio Henrique e Carlos Stupian têm recebido centenas de espectadores do morro da Providência, da periferia da Central do Brasil e da Praça Onze para assistir as peças *Édipo* e *Médico à Força*. No dia 14 de agosto, o grupo estréia *Testemunha de Acusação*, de Agatha Christie. Entrada franca.

Procura-se Julieta

Os atores Marcelo Faria e Pedro Vasconcellos, conhecidos do público da telinha da Globo, decidiram: no ano que vem levam ao palco o clássico *Romeu e Julieta*. Os dois já estão à procura de uma Julieta. Quem se habilita?

Sonho realizado

Betty Faria comemora a compra dos direitos de *Mãe Coragem*, de Brecht, que ela sonha encenar há tempos. A tradução será de Fernando Peixoto. A própria atriz vai produzir a peça e já procura um diretor.

GOVERNO DO ESTADO RJ Rio de Janeiro
SECRETARIA DE ESTADO DE CULTURA
MINISTÉRIO DA CULTURA

Aplauso é uma publicação mensal da Sociedade Cultural Itaipava Ltda. Redação, administração, publicidade, informações sobre assinatura e correspondência: Rua Gal. Venâncio Flores, 620/101, CEP 22441-090, Rio de Janeiro, RJ. Tels/fax: (21)511-1390 e (21)511-5344. E-mail: aplauso@gbl.com.br. Diretora: Ivonette Albuquerque. Colaboradores: Walkyria Garotti (arte), Maria Lúcia Rangel e Dalila Magarian (texto). Jornalista responsável: Catarina Arimatéia MTb.: 14135. Assessoria Jurídica: Paulo Horn. Certificado de Registro de Direito Autoral nº 155.441. Fotolito: Artcor. Impressão: Sol Gráfica. Foto de Capa: divulgação.

PALAVRA DE ATRIZ

Stela Freitas

Recontando a Vida

Stela: brincando de ser.

"As luzes do teatro se acenderam... Quebrando o silêncio, Gianfrancesco Guarnieri exclamou: 'Eu sou Zumbi dos Palmares'. A exclamação foi seguida por uma música de Edu Lobo, *Upa neguinho na estrada, upa pra lá e pra cá...* E eu, ainda adolescente, assistia emocionada aquele italiano de cabelos loiros interpretar uma das mais significativas figuras negras da história.

Naquele momento, percebi que no teatro poderia viver qualquer personagem, independentemente de raça ou classe social. No palco não existem diferenças, preconceitos. O teatro poderia fazer de mim uma rainha ou uma mendiga, um homem, uma japonesa e até mesmo uma criança.

A infinidade de possibilidades me atraíram de forma irresistível. Fiz da minha vida a arte de interpretar. Já perdi as contas das peças em que trabalhei, dos programas de humor, dos filmes, leituras, locuções e comerciais. Isso tudo sem contar com o teatro de rua, encenações em colégios, hotéis, bares... Muito tempo se passou desde aquela noite no teatro de Arena de São Paulo, mas nunca deixei de ver o brilho nos olhos das pessoas e a emoção cada vez trocada com os espectadores. Público que, como nós atores, volta a ser criança. Ri, chora, se zanga e depois agradece. Representar é uma licença poética da vida.

Os atores aceitam o desafio e a vida responde com generosidade quando fazemos a coisa certa, justa, artística.

Há momentos em que pensamos deixar a profissão: os intervalos entre um trabalho e outro, as contas sem interrupções, o cansaço das incertezas. Mas nada, absolutamente nada, compara-se ao ato de representar no teatro, na televisão, no cinema ou onde quer que seja. Como na música de Chico, 'Agora eu era herói e o meu cavalo só falava inglês...', nós atores brincamos de ser e levamos junto os espectadores numa viagem emocionante do mundo do faz-de-conta.

E, brincando, vamos aprendendo com os nossos personagens a viver e a recontar a vida. Assim é o teatro."

Vacalhau e Binho

O humor de Zé Fidélis, um dos pais do besteirol, desembarca no Teatro Princesa Isabel.

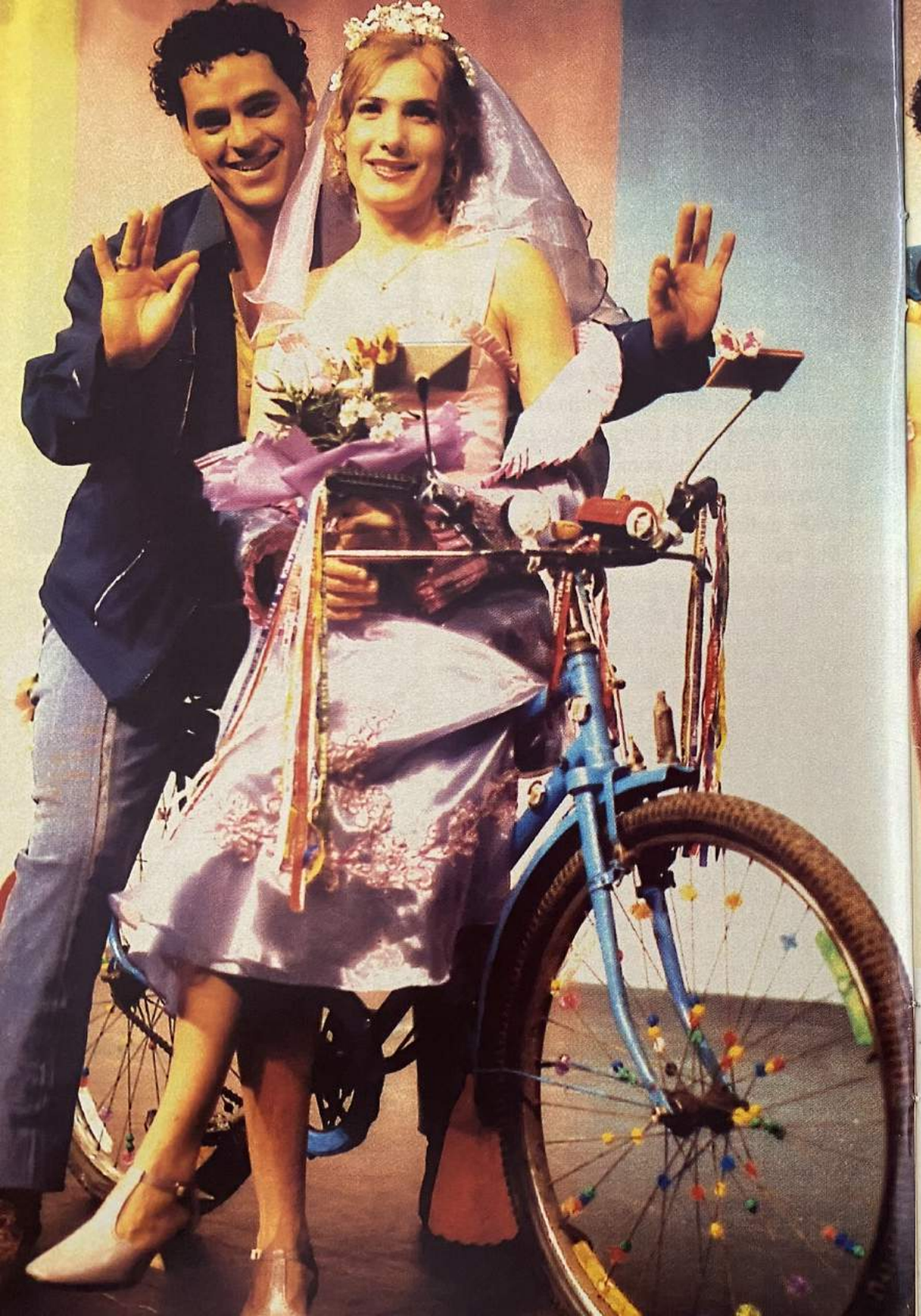
Por Maria Lúcia Rangel

Se você nunca ouviu falar de Zé Fidélis, não perca a oportunidade de conhecê-lo neste mês de julho. Considerado um precursor do Teatro Besteirol, filho de pai italiano e mãe portuguesa, Zé Fidélis (pseudônimo de Gino Cortopassi) começou a destilar seu humor na década de 30 em programas radiofônicos da Tupi e Record. Até os anos 50, suas piadas e paródias renderam nove livros e 12 LPs com versões de músicas da época, como *Banho de Lua* e *Vingança*. Ainda hoje, em pleno ano 2000, as tiradas de Zé Fidélis são utilizadas por vários comediantes. Foi o humorista quem inspirou Carlos Alberto Soffredini a escrever **Vacalhau e Binho 2**, em temporada no Teatro Princesa Isabel durante o mês de julho.

A primeira versão da comédia estreou em 93 em São Paulo e, junto com a atual segunda versão, permaneceram sete anos em cartaz com críticas mais do que elogiosas. O jornalista Nelson de Sá, da Folha de S. Paulo, achou o espetáculo hilariante, "o mais engraçado a surgir em São Paulo nos últimos anos". Já Jefferson del Rios, de O Estado de São Paulo, escreveu: "disparate inteligente sobre ao palco".

Em 93, quando estreou na capital paulista, o espetáculo tinha textos originais de Zé Fidélis. Três anos depois, estreava **Vacalhau e Binho 2**, agora com textos de Soffredini inspirados nos do radialista, utilizando também paródias de óperas e com dois personagens portugueses (os atores Isser Korik e Luzia Meneghini) dando aulas em cima de paródias de musicais da Broadway. Revoltados com a invasão de profissionais brasileiros no mercado de trabalho lusitano, eles vêm ao Brasil ensinar a arte de representar. Além de interpretar vários personagens famosos, filosofam sobre *pérolas* de Zé Fidélis e interagem com a platéia. O ator Eduardo Leão é o responsável pelos números surpresas, na pele de uma camareira.

"O trabalho resgata o incrível humor de Zé Fidélis e também o sentido de brincar, embutido no teatro. É uma grande brincadeira", diz Isser. E como ele explica na peça, com o mais autêntico sotaque lusitano: "É uma upurtunidade única para que o pobo vrasilãiro cá dó Rio d'Janãiro aprenda a burdadãira arte de representairi. Se não aprenderam em 500 anos, tãim agora, a chance de tentairi". Confira as aulas!



Lisbela (Virginia Cavendish): filha do delegado, noiva de Douglas, apaixona-se loucamente por Leléu.
Frederico (Marcos Oliveira): matador profissional, faz o tipo machão e cabeça quente.
Douglas (Lúcio Mauro Filho): noivo traído de Lisbela.
Tenente (Emiliano Queirós): delegado da cidade.
Citonho (Tadeu Mello): cabo apaixonado.
Inaura (Lívia Falcão): Mulher de Frederico, tem uma queda por Leléu.

A máquina

Nordestino apaixonado viaja ao futuro para trazer o que há de melhor no mundo para a mulher amada.

Por Maria Lúcia Rangel

Adriana Falcão ia escrever uma peça, mas acabou escrevendo um romance. João Falcão criou o espetáculo teatral. Perfeito entrosamento entre marido e mulher, *A Máquina* chega agora ao Teatro Sesc Copacabana com jovens atores pernambucanos e baianos – o mais velho tem 23 anos. Representada numa arena própria, a peça conta com quatro atores se revezando no papel do protagonista.

Quem está acostumado a assistir aos trabalhos de João Falcão na televisão – alguns episódios da série *Comédias da Vida Privada* e a minissérie *O Auto da Compadecida*, por exemplo – vai identificar no palco a marca do diretor: qualidade, brasilidade e bom gosto. A fábula, como ele prefere chamar *A Máquina*, foi concebida num palco circular e giratório, com sistema de luz, som e efeitos especiais

Lisbela e o Prisioneiro

Um simpático sedutor se apaixona pela filha do delegado. O resultado é muito humor e até cenas de faroeste...

Por Dalila Magarian

Depois de ter sido transformada em Caso Especial na Rede Globo em agosto de 93, tendo o ator Diogo Vilela como protagonista, a peça *Lisbela e o Prisioneiro*, do pernambucano Osman Lins, chega agora aos palcos cariocas. O diretor Guel Arraes, responsável pela adaptação do texto para a tevê, decidiu fazer o caminho inverso e devolver Lisbela para o público teatral, numa grande produção que possui, entre outros atrativos, uma das músicas de sua trilha sonora assinada por Caetano Veloso.

Lisbela conta com muito humor a história de Leléu, um sedutor irresistível (o ator Bruno Garcia), que mora numa cidadezinha do interior e acaba preso por culpa de suas proezas eróticas. Leléu se apaixona e seduz a filha do delegado, Lisbela (a atriz Virginia Cavendish) às vésperas de seu casamento. Preso pelo pai de sua amada, provoca tanta ira nos homens da cidade que o noivo de Lisbela contrata um matador profissional para assassiná-lo. Na cadeia, ela ganha a simpatia do cabo Citonho (Tadeu Mello) e acaba fugindo. As cenas do espetáculo são entremeadas de cenas de filme, lembrando um filme de faroeste.

Obra rara nos palcos, Lisbela e o Prisioneiro teve sua primeira encenação realizada com sucesso no extinto Teatro Mesbla, nos anos 60, pela companhia de teatro formada por Tônia Carreiro, Adolpho Celi e Paulo Autran. "O Brasil é um país nordestino e esse tipo de dramaturgia tem muita repercussão junto ao público", acredita Arraes, que tam-

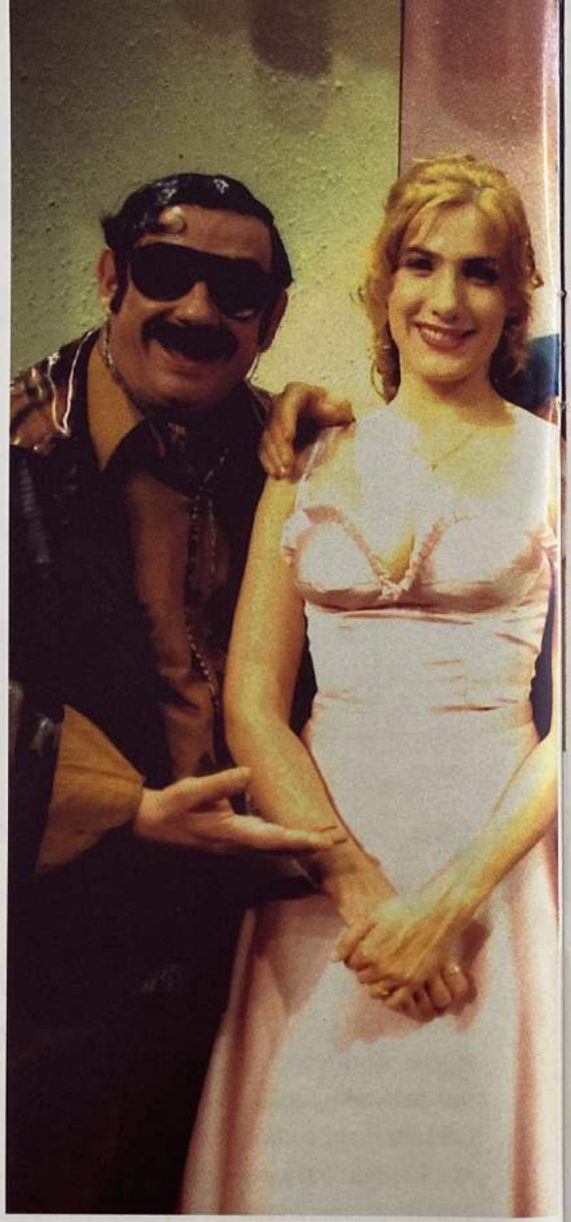
bém aposta na cenografia de Lia Renha, nos figurinos de Cao Albuquerque e na iluminação de Marcelo Brasil para fazer desta montagem um sucesso tão grande quanto sua versão na telinha da tevê.

Osman Lins, autor

Romancista, contista e teatrólogo, Osman Lins nasceu em Vitória de Santo Antão, em Pernambuco, em 1924. Começou suas atividades literárias em 1941, escrevendo para alguns jornais de Recife. Órfão de mãe, apaixonado pela literatura desde menino devido sua infância solitária, o autor sempre retratou heróis pobres, homens do povo, artistas de circo, alfaiates (como o próprio pai) e o nordestino de profissão indefinida. Dono de uma vasta e premiada bibliografia, chegou a ser incluído em coleções de editoras européias nas quais figuravam autores como Jorge Luís Borges. No Brasil, porém, nunca conseguiu sobreviver de literatura, tendo sido durante toda a vida funcionário do Banco do Brasil. Faleceu em julho de 1978, aos 54 anos.

Os personagens

Leléu (Bruno Garcia): trapezista de circo que gosta de brincar com a vida. Não leva nada a sério, é paquerador, debochado e divertido. Segundo Bruno Garcia, o personagem tem um grande poder de persuasão a ponto de conseguir livrar-se de situações muito difíceis. "Ele engana o carcereiro, consegue a simpatia de um matador e tenta conciliar as paixões. Fica com várias mulheres até conhecer Lisbela, por quem se apaixona de verdade e então sente vontade de regenerar-se."



Com direção de José Possi Neto e produção de Christiane Torloni, a estréia do espetáculo *Joana Dark, A Re-Volta,* no dia 6 de julho, marca não apenas o retorno de Torloni aos palcos cariocas, como também a reabertura do Teatro Bloch. No espetáculo, Carolyn Gage, a autora, que recebeu vários prêmios por seu trabalho nos Estados Unidos, desconstrói com humor inteligente todas as imagens conhecidas dessa personagem-título e apresenta uma Joana d'Arc de um ponto de vista inteiramente novo. Segundo Denise Mattar, responsável pela pesquisa e pelo projeto editorial, o texto não é uma ficção. "Embora polêmico e atual, o texto foi construído inteiramente a partir dos processos de condenação e reabilitação de Joana, registrados e guardados pela Igreja".

Portanto, tendo como base a pessoa real que acabou transformada em mito, Carolyn Gage traz à baila a condição contemporânea da mulher e aborda questões como preconceito, homossexualismo e corporativismo, mostrando que nada mudou em 500 anos. "Joana d'Arc é um dos mais poderosos ícones femininos de todos os tempos, e a quantidade de produtos culturais sobre ela é surpreendente", diz Denise Mattar. A história da adolescente de 17 anos, que no século XV lutou pela reunificação da França e acabou queimada pela Inquisição, inspirou romances, poemas, textos históricos e esotéricos, além de peças de teatro, músicas, filmes, pinturas, desenhos e esculturas. Tudo isso gerou um material inteiramente contraditório a seu respeito, onde ela é apresentada ora como santa, herege e mártir, ora como impostora, heroína, traidora, iluminada, prostituta, virgem e lésbica.

Um mito atual

Para o diretor, José Possi Neto, falar de Joana d'Arc é falar da mulher e de sua luta pela liberdade, reabrindo uma discussão absolutamente contemporânea: "Joana nos dá o maior exemplo de tenacidade de luta e ideais político, moral e religioso jamais vividos. Carolyn Gage retrata tudo isso magistralmente, e sua Joana faz com que a Europa do século XV e o mundo globalizado de hoje distem apenas cem minutos." Possi foi convidado diretamente por Christiane Torloni para assumir a direção. "Quando ela me propôs esse desafio, aceitei-o com as relutâncias do homem autoritário que sou e com a humildade do profissional que respeita uma atriz-produtora que faz de seu trabalho no palco um ofício onde a obsessão pela verdade é lei."

Segundo a própria Torloni, interpretar Joana d'Arc a fez entender que a fé pode transformar-se em escudo e rochedo para aqueles que realmente crêem. "A missão dessa mulher extraordinária não era apenas unificar a França ou acabar com uma guerra de 100 anos. Sua bandeira não era somente a de uma nação, mas a de todos aqueles que precisam ser livres, como nós mesmos."

A História de Joana

1412- Joana d'Arc nasce em Domrémy no dia 6 de janeiro, filha de Jacques d'Arc e Isabelle Romée.
1424- Ela começa a ouvir as vozes de São Miguel, Santa Margarida e Santa Catarina.
1429- Vai a Vaucouleurs e convence o governador Baudricourt a lhe dar uma escolta para ir ao encontro do rei. Parte para Chinon em 23 de fevereiro. Em 5 de março vai à igreja St. Catherine de Fierbois buscar uma espada escondida atrás de um altar e cuja existência nem os padres conheciam. Quatro dias depois encontra-se com Charles VII e convence o rei a dar-lhe o comando de seu exército. Joana tinha na ocasião 17 anos.
1429- Derruba o cerco de Orleans que durava dez anos.
1430- É capturada em Compiègne.
1431- É condenada pela Inquisição. Em 30 de maio é queimada na fogueira como herege.
1450- É dado início ao processo de reabilitação de Joana d'Arc.
1456 - Sua condenação é revogada.
1909- Ela é beatificada.
1920- Joana d'Arc é canonizada.

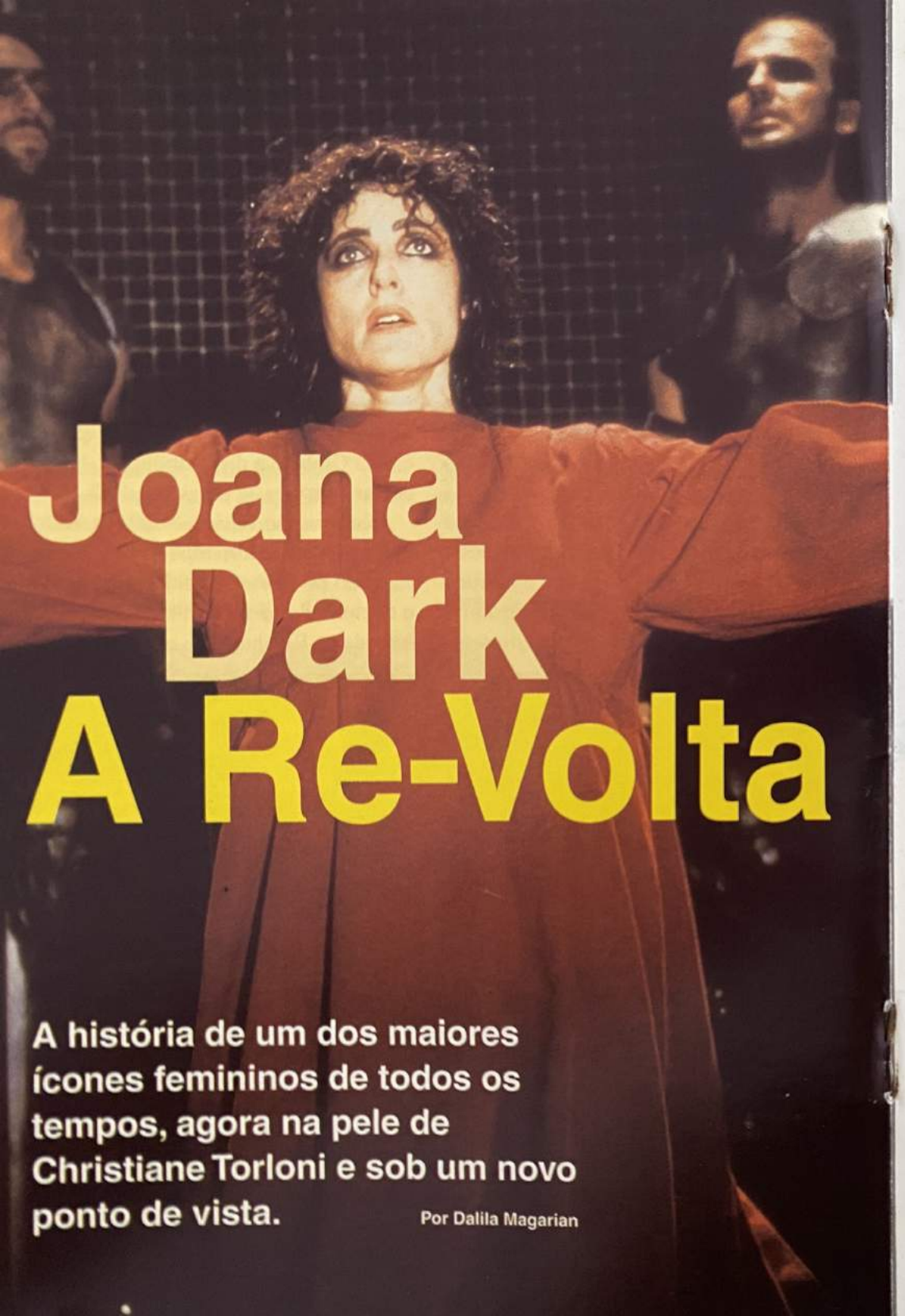
acoplados, um verdadeiro teatro itinerante, permitindo apresentações por todo o país.

"O que me fascinou foi o texto", admite João, pernambuco. Adaptada pelo próprio João, o romance de Adriana conta a história de um rapaz, Antonio, apaixonado por uma moça chamada Karina e que vive numa cidadezinha chamada Nordestina. Mas o que se diz do lugar é que a cidade não tem futuro e as pessoas acabam sempre indo embora. No dia em que Karina também resolve sair de lá para ser artista de televisão, Antonio decide levar o mundo para Nordestina, prometendo viajar no tempo para dar uma olhada no futuro e trazer o que há de melhor para Karina.

A aventura do protagonista é narrada ora pelos quatro atores para quatro platéias (o palco é dividido em quatro setores), ora por um ator para cada platéia, auxiliada pelo palco giratório que leva e traz atores e elementos cênicos. No papel de Antonio se revezam Gustavo Lago, Lázaro Ramos, Wagner Moura, Felipe Koury e Vladimir Brichta. Karina Falcão faz a nordestina Karina.

Se na TV Globo João trabalhava com grandes estrelas, agora ele dirige jovens que começam na profissão. "A experiência conta, mas não é tudo. Para mim, a diferença fundamental entre este elenco e o da Globo é a disponibilidade. Posso contar com eles 24 horas por dia."

João assina o cenário e Jefferson Miranda os figurinos. A trilha sonora ficou a cargo do DJ Dolores (Helder) e, segundo o diretor, "é uma supertrilha". O CD será lançado no Rio durante o espetáculo.



Joana Dark A Re-Volta

A história de um dos maiores ícones femininos de todos os tempos, agora na pele de Christiane Torloni e sob um novo ponto de vista.

Por Dalila Magarian

não pode fazer os figurinos porque estava presa a compromissos na TV. Em seu lugar entrou Biza Vianna. Até o cenário é de uma grande amiga, Maria Carmen de Souza, com quem Cecil trabalhou nos anos 70.

Para escrever esta comédia sentimental, Carlos Thiré reuniu dois universos com os quais tem bastante intimidade: a Biologia (é formado pela Universidade Rural) e o teatro, com o qual convive desde que nasceu. *O Último Suspiro da Palmeira* se passa na sala de um apartamento de classe média onde vivem três gerações de uma mesma família: o avô (Cécil Thiré), a mãe (Stella Freitas) e seus dois filhos (Carlos Thiré e Thiago Fragoso). A mãe descobre que a empresa que fornecia verba para sua ONG, agora ameaçada de corte, é a mesma que pode vir a patrocinar a peça de seu filho. E decide ajudá-lo. O avô, morando com a família desde que enviuvou, acaba sendo o responsável, involuntariamente, pela trama principal da história. Sem querer, mistura os textos da peça de teatro e da tese de mestrado sobre "Interferências Culturais na Biodiversidade da Espécie Humana". Para surpresa de todos, tanto a peça quanto a tese ganham acréscimos interessantes vindos uma da outra. E é a originalidade desta mistura que atrai o interesse do patrocinador. A partir daí... e só assistir!

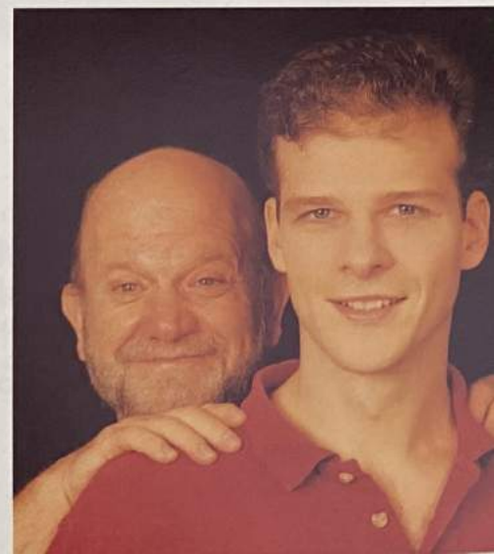
Carlos Thiré, 28 anos, sabe que está entrando com um ingrediente novo na família: o de autor. Porque trabalhos de ator, diretor, produtor e iluminador, a família já fez. E faz. Foi com o grupo de teatro amador da Universidade Rural que Carlos estreou seu primeiro texto, *A Política É.* Agora será Alexandre, autor do que seria a sua tese de biologia na faculdade:

"Fui um adolescente rebelde", admite. Sempre quis tomar um caminho diferente, porque para onde olhasse lá estava o teatro. Por isso fui para a Rural. Mas comecei a escrever e tinha como objetivo dirigir. Um dia meu pai me aconselhou: se você quer dirigir, seja primeiro um bom ator". Foi o pulo do gato.

De pai para filho

Cecil se lembra bem com quem aprendeu o caminho das pedras: Adolfo Celli, então casado com sua mãe. E como pai do autor, percebe que o filho transformou em poesia dramática personagens e histórias já vivenciadas.

"Tenho um papel maravilhoso, o de avô", diz Cecil. "Gosto tanto da peça que, num determinado momento, o projeto passou a ser meu. Esqueci meu filho, apesar de ser nosso primeiro trabalho juntos. Ele foi meu aluno num curso da CAL. E sempre conversamos muito sobre a arte de representar." Uma tradição familiar.



Zorro

As aventuras do justiceiro mascarado saem do cinema e agora percorrem os jardins do Museu da República.

Por Dalila Magarian

Depois do sucesso do clássico de capa-e-espada nos cinemas, tendo Antonio Banderas e Anthony Hopkins como protagonistas, ficou difícil imaginar que *Zorro*, o lendário justiceiro mascarado, ainda tivesse fôlego para voltar a ativa. Mas o ator e diretor Renato Rocha não temeu o desafio, transformando o texto do norte-americano Johnston McCulley num espetáculo itinerante e interativo, em cartaz nos jardins do Museu da República até o final de setembro.

Zorro trata de questões atemporais importantes, como a justiça, a coragem, a honra, o amor e o heroísmo. Para os diretores Renato Rocha e Verônica de Oliveira, no entanto, a peça também representa a continuação de um trabalho de pesquisa que inclui o movimento e o contato direto com o público ao ar livre. O espetáculo reserva belas surpresas em

Colecione, assine!

Enviamos para todo o Brasil

Assinatura semestral R$ 18

Maiores informações

Tel.: (21) 511-5344

ou e-mail: aplauso@gbl.com.br

O último suspiro da palmeira

Carlos Thiré encena sua primeira peça em circuito profissional. Uma comédia em que o pai, Cecil, é um dos atores. E a mãe, Norma, é a produtora. Tudo em família.

Por Maria Lúcia Rangel

Na primeira vez em que Carlos Thiré teve de chamar o pai de avô, ele olhou para Stella Freitas, que estava no palco ao lado de seu pai Cecil Thiré, e soltou um "oi, pai". Foi uma gargalhada geral. Começavam os ensaios de *O Último Suspiro da Palmeira*, primeira peça de Carlos encenada em circuito profissional. Uma produção familiar, contando com o apoio dos amigos. A estréia é no dia 13 de julho, em Campos, e no final do mês, na Casa de Cultura Laura Alvim. Além de autor, Carlos é também um dos atores. Cecil dirige e atua. A mãe, Norma Thiré, ficou responsável pela produção. Stella, comadre de Cecil, foi convidada para um dos papéis. Só Tônia Carrero, a avó de Carlos, reção de Charles Moeller. Elenco: Ada Chaseliov, Alessandra Verney e Ignez Vianna. **Café-teatro Arena** (Rua Siqueira Campos 143, Copacabana). Fone:235-5348. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 19h. R$20 (qui., sex. dom.) R$25 (sábado).

Comunhão de Bens

Texto de Alcione Araújo sobre um casal em crise que, separado, decide continuar morando junto para não baixar o padrão de vida. Direção de Marcelo Andrade. Com Nívea Stelmann, Mariane Vicentini e Luka Ribeiro. **Teatro Rubens Corrêa** (Rua Prudente de Moraes, 824, Ipanema). Fone: 523-9794. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (sex. e dom.) e R$20 (sáb.)

Eles não usam Black Tie

Clássico do teatro brasileiro abordando conflitos entre pai e filho. Direção de Marcus Vinícius Faustini. No elenco, Ana Lúcia Torres, Sebastião Vasconcelos, Tereza Seiblitz, Eduardo Moscovis, Sílvio Ferrari, Anderson Muller. **Teatro Carlos Gomes** (Praça Tiradentes, s/n). Fone: 232-8701. Sexta e domingo, 19h. Sábado, 21h. R$ 10.

Este Mundo é um Pandeiro – Uma Crônica Musical (1939-1959)

Um passeio por 20 anos de história do carnaval carioca, com quadros que relembram cabaré, circo, music hall, vaudeville e teatro de revista. Concepção, texto, seleção musical e direção de Djalma Thürer. Com os formandos de 99 da Escola de Teatro Martins Pena. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. De quarta a sábado, 18h30. R$10.

H.H.

Compilação de textos da dramaturga, poeta e ficcionista Hilda Hilst. Direção e concepção, Ana Kfouri. No elenco, o Grupo Alice 118. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone: 267-1647. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15. Até 9/7.

Joana Dark – A Re-Volta

Adaptação contemporânea da história de Joana d'Arc. Texto de Carolyn Gage, com direção de José Possi Neto. Tradução e adaptação de Maria Adelaide Amaral e Rodrigo Amaral. Com Christiane Torloni, Augusto Vieira, Jorge de Lima, Renato Leão, Roberto Aguiar e Zamir de Castro. **Teatro Adolfo Bloch** (Rua do Russel, 804 – Glória). Quintas, sextas e sábados, 21h. Domingo, 20 horas. Preço não fornecido até o fechamento desta edição.

Lisbela e o Prisioneiro

Comédia contando a história de Leléu, sedutor irresistível, que acaba preso por conta de suas proezas eróticas. Texto de Osman Lins. Direção: Guel Arraes. Produção: Paula Lavigne. No elenco, Bruno Garcia, Marcos Oliveira, Emiliano Queirós, Lívia Falcão, Lúcio Mauro Fi-

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

lho, Virginia Cavendish e Tadeu Mello. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632). Fone: 555-7262. De quinta a domingo, 21h. Quinta e domingo R$ 10. Sexta e sábado R$ 15. Até 27 de agosto.

Maratona

Os encontros e desencontros de um casal são o tema da peça de Naum Alves de Souza, com direção de Darson Ribeiro. No elenco, Fátima Freire e Rogério Fabiano. **Teatro Cândido Mendes** (Rua Joana Angélica, 63, Ipanema). Fone: 267-7295. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui., sex. e dom.). R$20 (sáb.).

O Amigo Oculto

Texto inédito de Augusto Boal. Uma comédia boulevard sobre a troca de presentes de uma família na festa de final de ano. Direção: Marília Pêra. No elenco, Silvia Aderne, Fafy Siqueira, Esperança Motta, Cláudio Ghiesse, Françoise Forton, Mario Cardoso, Reinaldo Gonzaga, Débora Olivieri e Alexandre Barbalho. **Teatro Sesi** (Graça Aranha, 1 – centro). Fone: 563-4163. Quinta, sexta e domingo, 19h30. Sábado, 20h30. Preço único R$ 20. Até o final de setembro.

O Avarento (I)

Nova Montagem do texto de Molière, traduzida e dirigida por João Bethencourt e encenada por Jorge Dória e Ida Gomes. **Teatro dos Grandes Atores** (Av. das Américas, 3.555, Barra Square). Fone: 325-1645. Quinta a sábado, 21h30. Domingo, 20h. R$ 15 (qui.), R$ 20 (sex. e dom.) e R$ 25 (sáb.).

O Avarento (II)

Montagem do texto de Molière por Amir Haddad, com cenários de Lídia Kosovski e música de Tato Taborda. No elenco, Tonico Pereira, Alessandra Negrini, André Gonçalves, Dira Paes, Leonardo Vieira, Emílio de Mello. Teatro I do Centro Cultural Banco do Brasil **(Rua Primeiro de Março, 66 – centro). Fone: 808-2020. De quarta a domingo, 19h. R$ 10. Até o final de julho.**

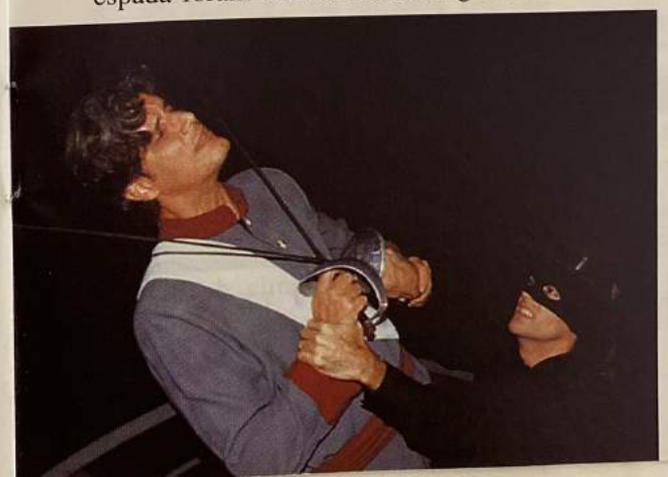
O Mistério de Suzana Mcknight

Comédia satirizando os filmes policiais. Vários nomes do mundo da beleza são assassinadas misteriosamente. Texto de Lúcia Cerrone. Direção de Lina Peston. Com Sérgio Coelho e Ricardo Santos. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde s/n, Copacabana). Fone: 547-7003. Sexta e Sábado, 23h. R$10.

meio as árvores, alamedas, lagos e o coreto do Museu, criando a ilusão de uma Califórnia de verdade. "A idéia é fazer com que as pessoas participem da história junto com os atores, esquecendo que são espectadores e sentindo que estão fazendo uma viagem dentro de uma máquina do tempo", explicam. A trilha sonora, composta por Marco Rodrigo (assistente de direção de Wolf Maya na novela *Uga Uga*), é tocada e cantada ao vivo pelo elenco, justamente com a intenção de envolver a platéia no clima romântico e fugaz dessa aventura.

Zorro em ação

Para dar vida ao personagem-título, durante seis meses Renato Rocha (que já interpretou Romeu, Robin Hood e o herói grego Perseu em espetáculos anteriores), recebeu aulas de acrobacia de solo na Escola Nacional de Circo. Também aprendeu a manejar o chicote com George Laysson, considerado um dos maiores domadores do mundo, e fez aulas de dança flamenca com Marco Aurélio Tarlieri, bailarino internacional e responsável pela coreografia do espetáculo. As lutas de espada foram totalmente coreografadas pelo próprio Renato, um *expert* no assunto, que entre outros trabalhos atuou como preparador da atriz Christiane Torloni na peça *Joana Dark*.



Originalmente, o personagem Zorro, cujo nome significa raposa, foi criado em 1919 pelo repórter policial Johnston McCulley. Um de seus leitores era o ator Douglas Fairbanks, que comprou os direitos de adaptação da história para as telas e protagonizou o clássico *A Marca do Zorro*. Foi o próprio astro quem criou algumas das marcas registradas do herói, como a máscara e a capa preta, além do esconderijo e a marca 'Z'.

À procura de justiça

Zorro conta a história do jovem Diego de La Vega, que volta de seus estudos em Madrid com o fiel criado Bernardo e surpreende-se com a cobrança abusiva de impostos que está sendo feita contra seu povo pelo governador da Califórnia e seu assistente, o capitão Monastero. Diego resolve fazer justiça disfarçando-se de Zorro. Para que ninguém desconfie de sua verdadeira identidade, ele finge ser covarde, enganando até a própria família. O capitão Monastero, junto com o atrapalhado sargento Garcia, tentam em vão capturá-lo. Mas Zorro consegue afastar o governador, livrando o povo dos maus tratos, da exploração e da corrupção. Bom mesmo seria se o personagem pudesse deixar as fronteiras da ficção e do Museu da República para dar uma espiadela pelo Brasil afora.

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

A Máquina

Romance de Adriana Falcão sobre um rapaz nordestino que dá o mundo de presente à namorada. Adaptado para o teatro por João Falcão, com elenco de jovens pernambucanos e baianos. **Teatro Sesc Copacabana** (Rua Domingos Ferreira, 160). Fone: 548-1088. Quinta e sexta, 21h. Sábado, 20h e 22h30. Domingo, 20h. R$20.

A Rosa Tatuada

Único texto de Tennessee Williams com humor e final feliz. Conta a história de uma mulher de 40 anos que redescobre o amor. Direção de Felipe Tenreiro. No elenco, Louise Cardoso, Leonardo Brício e Mariana Ximenez. **Espaço 1 do Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel, 446, Copacabana). Fone: 275-6695. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui., sex. e dom.) e R$25 (sáb.) Estréia dia 9 de junho.

Ai, Ai, Brasil – Os Outros 500

A peça de Sérgio Britto e Clovis Levy retrata com humor o Brasil pitoresco e cheio de malícia nas relações entre índios, brancos e negros. Direção de Sérgio Britto. No elenco, Sérgio Britto, Suley Franco e Nildo Parente. **Teatro UniverCidade** (Rua Humaitá, 275, Humaitá). Fone: 527-1497. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20.

Alice Através do Espelho

A partir da obra de Lewis Carrol o espectador é convidado a acompanhar Alice num mundo repleto de nonsense. Texto de Maurício Arruda Mendonça. Direção de Paulo de Moraes. Com Flávia Fafiães, Patrícia Selonk, Simone Mazzer. **Fundição Progresso** (Rua dos Arcos, Lapa). Telefone para reservas (máximo de 50 pessoas por sessão): 554-5281. Sábado (18h e 20h) e domingos (18h e 20h). R$ 15. Até o final de agosto.

Brejeirices

Três histórias de Arthur Azevedo cujo tema central é o amor. Direção de Daniel Marques. No elenco, Valéria Seabra e Renato Peres. **Teatro Villa-Lôbos** (Av. Princesa Isabel 446, Copacabana). Fone: 275-6695. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$10 e meia entrada para estudantes e maiores de 65 anos. Estréia dia 23 de junho.

Cole Porter – Ele nunca disse que me amava

Musical sobre a vida do grande compositor norte-americano. Texto e direção de Domingos de Oliveira, que também está no elenco. Com Priscilla Rozembaum, Fábio Junqueira e Maria Ribeiro. **Teatro do Planetário** (Av. Padre Leonel França, 240, Gávea). Fone: 239-5948. Sexta e sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (sex. e dom.). R$20 (sáb.).

O Último Suspiro da Palmeira

Comédia do autor estreante Carlos Thiré retratando o cotidiano agitado de três gerações. Cecil Thiré, pai do autor, dirige e atua, ao lado de Stela Freitas, Thiago Fragoso, Patrícia Gusmão, Garcia Junior e Carlos Thiré. **Casa de Cultura Laura Alvim** (Av. Vieira Souto, 176, Ipanema). Fone:267-1647. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. Preço não fornecido até o fechamento desta edição.

Que Pena Ser Só

Texto de João do Rio que lembra os eternos paradoxos que movimentam nossas engrenagens. Direção de Marcos Henrique Rego. Com Ana de Movaes, Cláudia Garcia , André Gracindo e Jaqueline Lobo. **Teatro Gláucio Gil** (Praça Cardeal Arcoverde, s/n, Copacabana). Fone: 275-6695. De quarta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$5 (qua.). R$10 (qui. a dom.).

Risoto

Espetáculo em que o ator Rodolfo Bottino cozinha, canta e interpreta histórias divertidas de um chef italiano. Texto de Luís Salém e Stela Miranda. Direção de Luís Salém. Café **Teatro Casa do Riso** (Rua Adalberto Ferreira, 32, Leblon). Fone: 274-4022. Todas as quintas, 21h. R$ 20.

Separações

Comédia dramática de Domingos de Oliveira sobre uma separação e das confusões que ela causa ao redor. Direção

SOS Brasil

Texto de Antônio Ermírio de Moraes abordando a questão da Saúde no Brasil atual. Direção de Marcos Caruso. Com Mayara Magri, Rogério Fróes e Jandir Ferrari. **Sala Marília Pêra do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadote, 26, Leblon). Fone: 294-0347. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15 (qui.), R$20 (sex. e dom.) e R$25 (sáb.).

Subversões

Versão mix do já famoso espetáculo humorístico com paródias de músicas famosas interpretadas pelo trio Stela Miranda, Luís Salém e Aloísio de Abreu. Direção de Stela Miranda. **Café Teatro Casa do Rio** (Rua Adalberto Ferreira, 32, Leblon). Fone: 274-4022. Sextas e sábados, 24h. R$ 20.

Tango, Bolero e Cha-Cha-Cha

Uma mulher e seu filho são abandonados pelo marido sem que saibam o motivo. Ele retorna dez anos depois, como transexual. Texto de Eloy Araújo com direção de Bibi Ferreira. No elenco, Edwin Luisi, Maria Helena Dias e Miguel Thiré. **Teatro Ginástico** (Av. Graça Aranha, 187 – Centro). Fone: 280-1382.

EM CARTAZ

Peças, horários, teatros e preços

Quinta e sexta-feira, 19h. Sábado, 20h30. Domingo, 18h. R$ 20. Até dezembro.

Três Vezes Teatro

Montagem de três peças curtas de Anton Tchekhov, Luigi Pirandello e Jean Cocteau. Direção de Édi botelho. No elenco, Ney Latorraca. **Teatro Glória** (Rua do Russel, 632, Glória). Fone: 557-5533. Terças e quartas, 21h. R$ 10.

Úteros em Fúria

Comédia que analisa as personagens-mulheres de Cláudio Paiva e Elisa Palatnik, com direção de Bernardo Jablonski. No elenco, Luciano Fregolente e Maria Clara Gueiros. **Casa da Gávea** (Praça Santos Dumont, 116, Jóquei). Fone:239-3511. De quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$15.

Vacalhau e Binho

Comédia relembrando o humor e a irreverência de Zé Fidélis, pseudônimo do humorista da década de 40 Gino Cortopassi. Direção de Isser Korik, também atuando com Luzia Meneghini e Eduardo Leão. **Teatro Princesa Isabel** (Av. Princesa Isabel, 186, Copacabana). Fone: 275-3346. Sexta, 21h. Sábado, 19h e 21h30. Domingo, 19h. R$20.

WIT - Jornada de um Poema

Glória Menezes comemora 40 anos de carreira com o primeiro texto da americana Margaret Edson, sobre a luta de uma mulher com câncer. É a primeira direção de Diogo Villela. No elenco, além de Glória, Adriano Reis e Edgar Amorim. **Sala Fernanda Montenegro do Teatro Leblon** (Rua Conde de Bernadotte, 26, Leblon). Fone: 294-0347. Quinta a sábado, 21h. Domingo, 20h. R$20 (qui. e sex.), R$25 (som.) e R$ 30 (sáb.)

Zorro

O clássico de capa-e-espada em versão interativa e itinerante, onde os público e os atores percorrem os espaços do jardim para acompanhar a história de Diego de La Vega. Texto e direção de Renato Rocha e Veronica de Oliveira. No elenco, Renato Rocha, Luiz Lobo, Renato Wanderley, Roberta Brasil. **Jardins do Museu da República** (Rua do Catete, 153). Fone: 285-6350. Sábados e domingos, 19h30. R$ 10,00. Até o final de setembro.

NÃO PERCA

O espectador gostou, assistiu e indica.

Risoto

"É um espetáculo delicioso, literalmente, no qual Rodolfo Botino nos proporciona uma preciosa degustação teatral. Ninguém pode perder. Afinal, não é sempre que se tem a oportunidade de alimentar o corpo e o espírito ao mesmo tempo!"

Aloísio de Abreu, ator

Eles não usam black tie

"Indico o espetáculo Eles não usam black tie pelo resgate do texto de Gianfrancesco Guarnieri, provando mais uma vez que é uma obra atemporal. Também pela precisão da direção e pelo elenco, que está simplesmente fantástico, como Sebastião Vasconcelos, Tereza Seiblitz e todos eles. Assisti e assistiria de novo."

Ney Latorraca, ator

Três Vezes Teatro

"Minha recomendação é para a peça *Três Vezes Teatro*. Em primeiro lugar, o trabalho do Ney é imperdível, uma verdadeira aula de teatro. Amo o Ney. Se pudesse, assistiria o espetáculo três vezes por dia."

Cláudia Rodrigues, atriz

Subversões

"Não dá para perder o espetáculo por um motivo muito importante: estamos falando de um dos marcos do teatro carioca. Quem gosta de teatro e do Rio de Janeiro tem de conferir de perto lá na platéia."

Rodolfo Botino, ator

ESPECIAL FÉRIAS

Teatro Infantil

Mês de julho, mês de férias, mês de teatro infantil e juvenil. Aplauso seleciona algumas das melhores peças em cartaz: musicais, fábulas, peças antigas, modernas, folclóricas e o que mais pode enriquecer o mundo da criança.

Por Maria Lúcia Rangel

A Bela e a Fera

A Bela e a Fera

Adaptação de Sylvio Lembgruber do clássico da literatura mundial, utilizando luz e efeitos especiais, rico figurino e música. A concepção do espetáculo conta com a participação do público. No elenco, Bianca Teles e Sylvio Lemgruber nos papéis-título e mais 19 atores. Teatro Leblon, sábados e domingos, 17h. R$12.

Adolescentes, Aborrecentes, Aborrecidos

Agora no Teatro Gláucio Gil, a peça de Gisa Gonsiorski vem de uma bem sucedida carreira em outros teatros, dirigida pelo ator Bemvindo Sequeira. O diretor assistente é Procópio Ferreira Neto. Dez atores adolescentes levam ao palco os problemas de relacionamento entre jovens e adultos. A peça estréia dia 5 de julho. Quartas, quintas e sextas, 16h30. R$10.

A Roupa Nova do Imperador

O grupo Trupe Fabulosa é quem encena o clássico de Hans Christian Andersen sobre um rei vaidoso que não se preocupava com os problemas dos súditos. As crianças vibram ao castigar o soberano com bolinhas de papel. A adaptação é de Sérgio Módena e Gustavo Wabner. Teatro Sesc Copacabana, sábados e domingos, 17h. R$10.

O Rouxinol

Um dos mais tradicionais contos da literatura universal, de Hans Christian Andersen, ganhou direção e adaptação de João Gomes, transformando-se em musical no recém-inaugurado Teatro Antonio Fagundes, Barra da Tijuca. No elenco, os irmãos Helder e Noele Agostini. Ele profissional há tempos, com atuações em *Pedro e o Lobo* e *Malhação*. Ela faz sua estréia no palco. Sábados e domingos, 17h. R$15.

Os Contadores

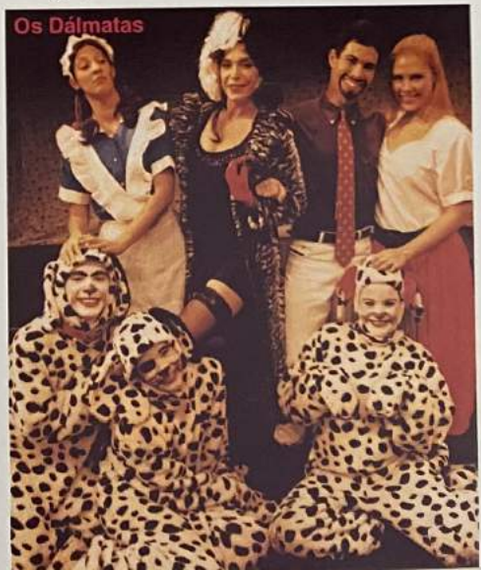
Autor e diretor, Angelo Faria Turcci se inspirou em estórias medievais, com contadores levando ao público três fábulas, narradas e teatralizadas com a utilização de bonecas, pernas-de-pau e música. As histórias, que chegaram ao continente americano sofrendo adaptações em cada região, são apresentadas agora com figuras do folclore brasileiro. Teatro Gláucio Gil, sextas e sábados, 17h. R$10.

Os Saltimbancos

De Chico Buarque, o musical conta a história de quatro animais que fogem de casa (gato, cachorro, burro e galinha), encontram-se na estrada e decidem ir para a cidade montar um show. O espetáculo reestréia no Teatro Rubens Corrêa em julho, com direção de Rogério Fabiano. No elenco, Maria Lúcia Priolli, Ricardo Graça Mello, Ricardo Bandeira e Xasde Richter. Sábados e domingos, 17h. R$12.

Os Dálmatas

A história de Cruela Cruel já foi filme e há meses faz sucesso na adaptação de Mônica Buccos e João Luiz Azevedo. Encabeçando o elenco, no papel de Cruela, Lady Francisco. Teatro Miguel Falabella, Norteshopping. Sábado às 16h30 e domingo, às 15h30. R$10.



Os Dálmatas

Cena Aberta

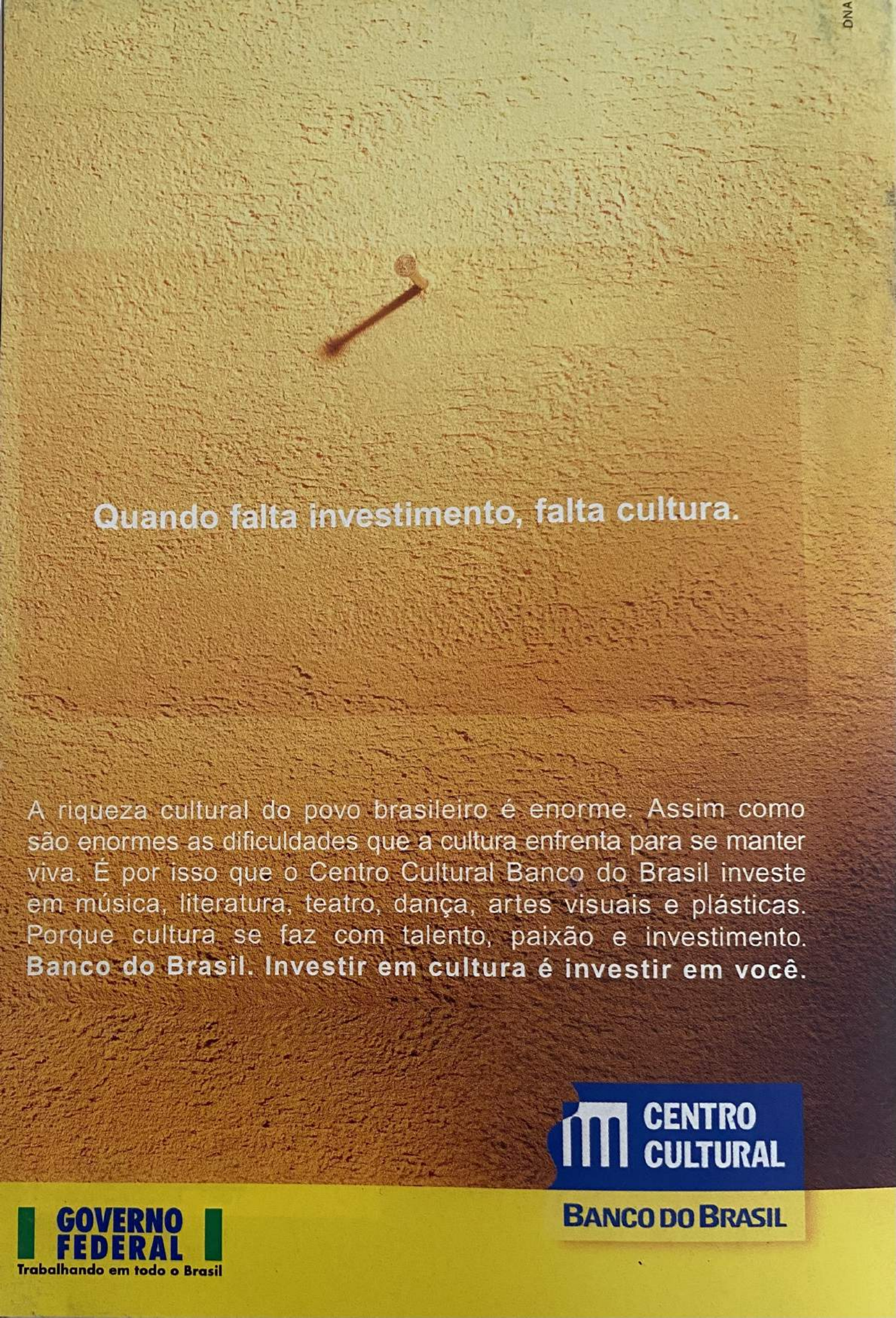
Fernando José e Betty Faria em A Falsa Criada, de Marivaux, Teatro Carioca, 1967.

O Rio de Janeiro ganhou mais um espaço para a cultura: **CEE - Centro de Eventos Empresariais** da Bolsa do Rio. O **CEE** é o local ideal para você ficar sempre ligado nas últimas tendências da arte.

CEE da Bolsa do Rio: mantendo a cultura sempre em alta.

Praça XV de Novembro, 20
Telefone: (021) 514-1069
www.bvrj.com.br

Bolsa de Valores do Rio de Janeiro


DNA
Quando falta investimento, falta cultura.
A riqueza cultural do povo brasileiro é enorme. Assim como são enormes as dificuldades que a cultura enfrenta para se manter viva. É por isso que o Centro Cultural Banco do Brasil investe em música, literatura, teatro, dança, artes visuais e plásticas. Porque cultura se faz com talento, paixão e investimento.
Banco do Brasil. Investir em cultura é investir em você.
CENTRO CULTURAL
BANCO DO BRASIL
GOVERNO FEDERAL
Trabalhando em todo o Brasil